

VIAJANTE SUECO

Vieira FAZENDA

Por ocasião de sua curta estada nesta capital, em agosto último, travei relações com o sr. dr. Alfredo de Toledo. Conhecia-o antes pelos seus importantes trabalhos impressos na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”.

Em nossas palestras me referiu o eminente homem de letras que a Revista ia imprimir no volume XII umas curiosas notas de viagem escritas por Gustavo Beyer, de nação sueca e inteiramente desconhecidas. Acrescentou que, antes de visitar São Paulo, Beyer estivera no Rio de Janeiro, do qual dava sucinta descrição. Foi o bastante para aguçar a minha curiosidade.

Pedi ao dr. Toledo me enviasse, quando de regresso a São Paulo, a parte relativa ao Rio. Com a gentileza que lhe é própria, o autor da **Reivindicação Improcedente** prometeu fazê-lo.³⁴ Passaram-se meses e o nome de Beyer não se me apagou da memória. Recorri aos dicionários de História e aos sabedores dessa matéria. Nada obtive. Consultei a lista de estrangeiros ilustres que vieram ao Brasil, organizada por Taunay (Tomo 58 da “Revista do Instituto Histórico Brasileiro”). Dela não constava o nome desse viajante.³⁵

Anteontem, porém, fui agradavelmente surpreendido com algumas folhas impressas (provas naturalmente da revista) nas quais vi o que tanto almejava. **Ligeiras notas de viagem...** tal é o título do trabalho de Gustavo Beyer. Foi traduzido do sueco pelo dr. Alberto Lofgren, um dos belos ornamentos do Instituto de São Paulo.

(34) Alfredo de Toledo (1869-1917), natural de Brangança, em São Paulo, foi advogado, jornalista e político. Membro atuante do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em seus primeiros tempos, publicou diversos trabalhos na revista da Instituição, entre os quais **Reivindicação Improcedente**, a que alude Vieira Fazenda, sobre Bernardo Vieira de Melo como precursor da independência do Brasil (Volume VI da Revista).

(35) V. nota nº 5.

(...) Apesar de diversos enganos cometidos por Gustavo, são com prazer lidas as precitadas notas de viagem. O autor, longe de ridicularizar nossos hábitos e costumes coloniais, os aceita como frutos da nossa situação sempre dependente da metrópole.

Que o progresso do Brasil já era manifesto em 1813, ele, Beyer, o acentua. Graças à influência do Príncipe-Regente tudo se modificava para melhor. Referindo-se à Bahia, escreveu que muito “erraram os escritos de viagens que, apenas visitando o Rio de Janeiro, tomaram esta cidade por padrão para julgar todo um território de 60.000 milhas geográficas quadradas, quando eles, se quisessem ter-se informado, poderiam ter conhecido o plano para a grande obra de civilização e povoamento do país”.

Seu entusiasmo sobe de ponto quando fala dos Paulistas, em cujo seio encontrou hospedagem principesca e cavalheirosa acolhida. Verdade é que ele e seu companheiro, o Conde von Pahlen, de São Petersburgo, viajavam com cartas de recomendação firmadas pelos ministros do Príncipe-Regente.

Eis aí um progresso digno de nota. Iam longe os tempos em que o governo via em qualquer viajante estrangeiro, por mais ilustre, um simples espião. Vem-me agora à lembrança o ocorrido com o sábio Humboldt.³⁶

Antes de prosseguir, salvo erro, creio eu que esse conde Pahlen é o ministro e enviado extraordinário do imperador da Rússia, chegado ao Rio de Janeiro em 24 de junho de 1812, como refere o Padre Luís Gonçalves dos Santos.

Teria Beyer conhecido na Suécia os nossos ilustres patrícios José Bonifácio e Bittencourt e Sá, quando estes por lá andaram em missão científica? É de crer. Teria sido por estes apresentado ao tenente-general Napion?

Qual o resultado obtido para a ciência da viagem de Beyer? Não me compete dizê-lo por manifesta carência de bases. Aguardemos a opinião de Branner, de Orville Derby, de Alfredo de Carvalho e de Oliveira Lima, que a fundo tem estudado o período que vai de 1808 a 1821.

Viajaria Beyer por própria conta ou fora comissionado pelo seu governo? Nada posso avançar sem conhecer o resto das Notas, prestes a vir à imprensa.

(36) Referência à desagradável ocorrência que se passou com o sábio Alexander von Humboldt, que, vindo da Venezuela e penetrando em território brasileiro em 1800, teve sua prisão determinada por parte do governo do Pará, cumprido ordens régias para não deixar “um tal barão de Humboldt” penetrar no Brasil... Seus documentos, arquivos e coleções foram confiscados e só foi o sábio liberado com a condição, de não permanecer em terras brasileiras.

Terá este simpático sueco alguma relação com a fábrica de ferro de Ipanema, da qual se ocupou Varnhagen?

Deixando estes pontos para serem elucidados por quem de direito, vejamos sucintamente só o que se refere à Bahia e Rio de Janeiro. Quanto à primeira, o autor diz ser o comércio vasto e o porto excelente e bem defendido. Faz justiça à administração do conde dos Arcos. Descreve a traços largos a cidade e fala de uma estátua do Príncipe-Regente (sic) sobre um pedestal de mármore branco, encarando o mar.

Um tanto exagerado quanto aos recursos de que dispunha a antiga capital do Brasil, alude ao fato histórico de quererem os habitantes desse o príncipe D. João preferência à cidade fundada por Tomé de Souza para nova sede da monarquia.

Trata das chuvas e desmoronamentos ocorridos em julho de 1813, fatos comprovados pela correspondência existente no Arquivo Público.

Penetrando no grandioso porto de São Sebastião (Rio de Janeiro), escreveu o seguinte: (segue a transcrição do que vem mencionado à p. 14).

Do exposto às pressas, resulta que o viajante sueco não foi muito exato com relação ao nosso Rio de Janeiro. Basta dizer que colocou a antiga fazenda dos jesuítas (Santa Cruz) no meio da Ilha Grande!

Parece que guardou ele toda a sua atenção para a antiga capitania de São Vicente. Ainda assim, a parte que me foi dado ler constitui precioso documento bibliográfico até há pouco desconhecido.

Quando o restante for publicado na "Revista" acompanhado de eruditos comentários, poder-se-á avaliar in totum do merecimento das referidas notas.

Dando parabéns aos ilustrados drs. Alfredo de Toledo e Alberto Loeffgren pela novidade que nos vão oferecer, aguardo o volume XII da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo".

(Publicado em "A Notícia", Rio de Janeiro, ano XIV, n. 277, de 20-21 de novembro de 1907. Incluído no vol. 4 das Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro, Rev. do Inst. Hist. Geogr. Bras., tomo 93, vol. 147, corresp. a 1923, mas efetivamente só publicado em 1927, pp. 228-232).